

MUHAMMAD ALI, UM OUTSIDER NA SOCIEDADE AMERICANA?

Flávio Py Mariante Neto¹

Resumo

O estudo analisa a carreira do boxeador Muhammad Ali segundo as relações de poder de Norbert Elias. Foram selecionados três momentos da carreira do boxeador: o racismo, a religião e o patriotismo. O trabalho é dividido em cinco partes. A primeira analisa o contexto americano da época e sua relação com o boxe, a seguir é apresentado o boxeador Muhammad Ali e sua carreira, as outras três partes são: Ali e racismo, Ali e religião e Ali e guerra do Vietnã. O objetivo do estudo é responder: como um atleta que foi contra questões tão profundas da sociedade obteve sucesso profissional?

Palavras-chave: *Boxe, Muhammad Ali, sociedade americana.*

Abstract

This study analyzes the career of the boxer Muhammad Ali according to power relations by Norbert Elias. Three moments of the career of the boxer had been selected: the racism, the religion and the patriotism. The study is divided in five parts. The first one analyzes the American context of that time and its relation with boxe, after is presented the boxer Muhammad Ali and his career, the three others parts are: Ali and racism, Ali and religion and Ali and Vietnam War. The goal of the study is to answer: how an athlete who was opposed to so deep questions of society got professional success?

Key-words: *Boxe, Muhammad Ali, American society.*

Introdução.

O presente estudo tem a intenção de discutir a carreira do boxeador Muhammad Ali sobre um olhar sócio cultural. Ali viveu em uma época em que as relações sociais eram complexas e o esporte se inseria nessa sociedade como uma forma de reproduzir normas estabelecidas e também era estruturado de forma a gerar lucro para os envolvidos com o esporte. Entre esses elementos sociais estavam os lutadores, os empresários e a mídia, todos esses elementos tinham um interesse econômico envolvido no boxe profissional. Nas relações sociais, os grupos se diferenciavam: a mídia e os empresários representavam um grupo mais coeso socialmente, eram representantes de uma maioria social que comandava as regras sociais. Por outro lado, existiam os boxeadores, esses indivíduos não formavam um grupo social coeso e apenas obedeciam as regras impostas pelo grupo dominante. Esses lutadores eram oriundos na sua maioria de bairros pobres americanos, ou seja, eles já vinham de uma região de pobreza onde estavam à margem da sociedade e não participavam da elaboração das regras sociais.

Para analisarmos essas relações, esse trabalho visa utilizar a teoria sociológica proposta por ELIAS E SCOTSON (1994) que divide os grupos sociais em dois: os estabelecidos, que são os pertencentes a um grupo social considerado como

¹ Mestrando GSEF. ESEF/UFRGS.

certo e melhor, e os outsiders, que seriam os indivíduos que estivessem à margem do grupo social dominante e estariam subordinados às regras impostas por esse grupo.

Nesse contexto social, é analisada a carreira do boxeador Muhammad Ali. Esse atleta exerceu um papel social fundamental na sua época. Foi um atleta com uma habilidade técnica poucas vezes vista no esporte, além disso, tinha um poder de autopromoção e uma relação com a imprensa da época que chamavam a atenção do público e rendiam muito dinheiro para o grupo interessado e para ele mesmo.

Porém, Ali fugiu ao padrão estabelecido para um campeão mundial, o campeão mundial nessa época deveria ratificar as normas sociais existentes para que a sociedade tivesse um exemplo no esporte de adesão às regras. Esse campeão tinha uma visibilidade social muito grande, já que se tratava de uma figura que aparecia muito na sociedade da época.

Três questões principais na carreira desse boxeador foram preponderantes para que ficasse caracterizada uma fuga dos padrões estabelecidos pela sociedade da época: o racismo, a religião e a guerra do Vietnã.

Problema de pesquisa:

Como um atleta como o boxeador Muhammad Ali que foi contra várias normas sociais estabelecidas por um grupo social dominante teve sucesso na sua carreira profissional?

Metodologia:

O presente estudo utilizará uma revisão documental para responder ao problema da pesquisa analisando livros, artigos e reportagens do jornal Zero Hora de Porto Alegre referentes ao tema.

O boxe e a sociedade americana.

Analisar a prática do boxe profissional é, antes de tudo, entender o contexto social em que ele acontece. Agüentar as duras rotinas de treinamento e os “castigos” sofridos pelo corpo durante a prática não se comparam com as condições de vida desses lutadores que, na sua maioria, não consegue ganhar um sustento digno com seu esporte. Porém, o boxe se apresenta como uma forma de mudar sua condição de vida. WACQUANT (2002) O boxe surge então como uma possibilidade de crescimento social dos jovens de periferia. . Apesar de esse relato ser de um grupo específico de boxeadores, suas idéias vêm ao encontro dessa análise do universo do boxe: “O boxe, permite aos jovens de bairros pobres terem a expectativa de um êxito rápido sem ter que recorrer a condutas desviadas.” (Arond e Weinberg apud Flores, 2001)

A mídia sempre teve interesse em divulgar o boxe e as lutas sempre tiveram uma enorme audiência nas televisões americanas. MARQUSEE (2003) relata que “o interesse pelo boxe se deve, entre outros fatores, a traços que remetem a uma sociedade pré-moderna, o boxe seria o mais próximo descendente de um tipo de luta que não temos mais contato, um combate homem a homem sem armas e com igualdade de condições.” Existe dentro de uma luta de boxe relações de poder que, apesar de o lutador ser o elemento mais visto, ele é subordinado a uma série de fatores que envolvem a luta. “Mesmo os boxeadores de sucesso, com poucas exceções, são

encaminhados como servos pelos promotores, administradores e companhias de televisão via satélite”. Id.

Durante muito tempo o boxe foi “dirigido” por indivíduos pertencentes à máfia ou envolvido em crimes. Isso deu ao esporte uma imagem de criminalidade e foi considerado “sujo” durante muito tempo. A máfia tinha interesse no boxe pelo dinheiro que poderia ser conseguido com as lutas e algumas delas eram “arranjadas” com o intuito de dar lucros aos apostadores que dominavam o cenário do boxe. Essa relação de subordinação em que os lutadores se inseriam gerava um esquema em que eles eram subordinados aos empresários e por vezes deveriam “entregar” as suas lutas pelo esquema de apostas. REMNICK (2000)

Esse sistema se constitui nos empresários, apostadores e os meios de comunicação interessados no esporte, esses indivíduos comandam as relações nesse meio. Como relata MARCHESE (2003): “Desde o início o boxe foi um pote de mel para o crime. Durante o século 19, os aristocratas britânicos foram substituídos nos EUA pelos políticos e donos de jornais, sucedidos neste século pelos magnatas de relações publicitárias, homens de negócio e donos de tevês a cabo e via satélite.” Portanto, o boxe e os boxeadores sempre foram regulados por um esquema envolvendo elementos que estavam hierarquicamente acima deles nas relações de poder.

Podemos considerar que o lutador de boxe se encaixa em um esquema em que os empresários e a mídia estabelecem regras que os atletas precisam obedecer. Para entender-mos melhor essas relações, usaremos o conceito das relações de poder sugerido por ELIAS E SCOTSON (1994) que divide essas relações de poder em dois grupos sociais distintos, o primeiro grupo, os estabelecidos que por definição: “O grupo que se autopercebe e que é reconhecido como uma boa sociedade, mais poderosa e melhor, uma identidade social construída a partir de uma combinação singular de tradição, autoridade e influência: os establisheds fundam o seu poder no fato de ser um modelo moral para os outros.” (Elias e Scotson, 1994, pág. 7)

Para analisar o esquema do boxe profissional, devem ser colocados como grupo de estabelecidos ou establishment, os empresários e a mídia, é importante também ressaltar que essas pessoas representam a sociedade em que vivem. Como o boxe não está isolado socialmente e mesmo existindo um esquema próprio da prática, essas entidades representam a sociedade como um todo, representam uma maioria que está no poder e está interessada em que as relações se estabeleçam dessa forma.

Os lutadores são peça fundamental nesse esquema, pois sem eles não teria como existir o boxe. Porém, eles obedecem às normas que são ditadas por outras pessoas. Nas relações de poder podemos considerar-los como outsiders, utilizando a definição: “os não membros da boa sociedade, os que estão fora dela, trata-se de um conjunto heterogêneo e difuso de pessoas unidas por laços sociais menos intensos do que aqueles que unem os establisheds. Não constituem um grupo social.” (Elias e Scotson, 1994, pág. 7)

Um bom lutador que seja atrativo para mídia e para o público telespectador se torna muito importante, pois é esse tipo de atleta que faz com que muito dinheiro seja direcionado para boxe profissional. Um campeão mundial deve possuir algumas qualidades que o diferencie dos outros, as questões técnicas do boxe não são assunto importante para esse estudo, porém é importante entender que uma alta qualidade técnica de um lutador o coloca numa posição de destaque em relação aos outros. Outra qualidade importante de um lutador é seu poder de autopromoção. Antes das lutas importantes do boxe, existem muitas formas de promovê-las, e uma delas consiste em entrevistas coletivas com os lutadores. É nessas entrevistas que os veículos de comunicação conseguem matérias para promover as lutas e vender revistas e jornais. Também os empresários têm um interesse nesses eventos, pois se as entrevistas forem bem sucedidas, mais público será atraído para as lutas. Essas entrevistas às vezes são

“encenadas” para criar um clima de rivalidade entre os lutadores, pois o interesse é que o público torça por alguém ou contra alguém, por isso deve ser criada uma imagem de rivalidade.

A sociedade americana dos anos 60 e 70 era segregacionista. Porém, nessa época, um negro era aceito como campeão mundial. Um negro ser campeão mundial não causaria nenhum estranhamento pela sociedade, pois como já foi dito, os boxeadores profissionais eram, na sua maioria, representantes de classes sociais mais baixas e essas classes eram representadas na sua maioria por indivíduos negros. Porém esse negro deveria se comportar de acordo com as normas e se possível reforçando essas normas para que a sociedade cada vez mais enraizasse esses conceitos.

ALI

Nesse contexto social e com essas formas de poder, surge um boxeador chamado Cassius Marcellus Clay. Teve uma carreira como amador com 130 vitórias, tendo o ápice de sua carreira como amador a medalha de ouro nas olimpíadas de Roma em 1960. Após as olimpíadas Clay se profissionalizou, essa profissionalização se dá geralmente por razões financeiras, o boxe amador não é remunerado e ao se profissionalizar o atleta tem a possibilidade de ganhar muito dinheiro com a sua prática. Clay chamava a atenção por suas declarações e sua capacidade de autopromoção e suas declarações. Dizia em que round iria nocautear seus adversários e fazia poemas humilhando seus oponentes.

Não é objetivo desse trabalho fazer uma análise profunda da sua relação com seus adversários, porém essas poesias e as formas que Clay promovia suas lutas são muito importantes para entender como essas formas de autopropaganda deram a ele um alto índice de popularidade e foi uma forma de chamar atenção do público, além disso, Clay acertava o assalto em que iria derrubar seus adversários(Mailer,1998).

Diversos episódios marcaram a trajetória desse atleta, porém pela análise da biografia referente ao tema, esse trabalho escolheu três episódios de sua carreira para analisá-los. A escolha desses três fatos é referente à sua relevância e significado social, são fatos que marcaram a carreira do lutador e são amplamente divulgados nas referências consultadas.

Ali e o racismo

A questão do racismo sempre foi muito forte na vida de Cassius Clay que nasceu no estado de Kentucky em uma cidade chamada Louisville. O Kentucky era um estado segregacionista e até 1968 essa prática era protegida pela lei. (Flores, 2001). Clay cresceu em meio a esta segregação nunca se conformou com essa situação em que se sentia subordinado e humilhado pela maioria branca. Sempre teve consciência de seu papel social e esse é talvez um dos seus maiores diferenciais em relação a outros campeões. A sua facilidade de autopromoção, seus discursos sobre as lutas lhe deram uma visibilidade nunca antes alcançada por um campeão mundial. No começo eram discursos que não mexiam na estabilidade social, não mexiam com o que estava estabelecido. Segundo declarou a um de seus biógrafos: “Se eu não soubesse gritar e uivar como iria fazer para o meu público me notar? Eu ainda seria pobre. Estaria na minha cidade lavando janelas, dizendo “sim senhor” e “não senhor”, sabendo qual é o meu lugar.” (Remnick, 2000).

Ali se negou a aceitar o segregacionismo e começou a usar sua imagem para levantar questões que ultrapassavam os limites dos ringues. Quanto ao racismo se

pronunciou: “Onde está o governo do negro? Onde estão seu rei e seu reino? Onde estão seu presidente, seu país, seu embaixador, seus exércitos, sua marinha e seus estadistas?” Id. Ele começa a mostrar uma imagem que abalaria a estrutura determinada pelos estabelecidos. Suas declarações não serviam mais só para promover as lutas. Serviam para questionar normas e padrões. Começava a incomodar o *establishment*

Ali e a religião

Um dos aspectos mais importantes da carreira do lutador foi a questão religiosa, ele se converte ao islamismo e em 6 de março de 1964 muda seu nome para Muhammad Ali, nome que ficaria conhecido mundialmente. A mudança do nome teve um significado social muito importante, pois, mudando seu nome, nega seu nome de batismo e passa a negar a religião cristã e sua prática. Além disso, se declara a favor de uma prática diferente da convencional, passa a divulgar as idéias dos muçulmanos negros negando o Deus cristão e defendendo as idéias de Alá, além disso, a escolha dessa religião está diretamente ligada à questão racial, a vertente islâmica escolhida por Ali se diferencia da visão tradicional muçulmana.

Outro aspecto importante da relação de Ali com esse grupo foi sua mudança de nome. O grupo religioso só dava nomes muçulmanos para frequentadores antigos da religião e Ali mudou seu nome logo depois de se converter. Essa mudança representou um interesse desse grupo em utilizar a imagem de Ali em benefício próprio, tendo um campeão mundial ligado à sua religião esse grupo se fortalecia socialmente, pois Ali representava uma forte propaganda para divulgação das idéias desse grupo. Então, existia uma relação mútua de interesse na relação de Ali com os muçulmanos negros, enquanto Ali se utilizava das idéias desse grupo fortalecer seus questionamentos relacionados à religião e ao racismo, os muçulmanos negros utilizavam a figura de Ali como um esportista que estava na mídia e tinha uma representatividade social grande para fortalecer suas idéias e conquistar mais adeptos.

Utilizando mais uma vez a teoria de Elias e Scotson, essa prática religiosa pregava que os negros seriam os estabelecidos e ditariam as regras sociais, seriam eles e não os brancos que dominariam a situação social. Os outsiders passariam a ser estabelecidos e isso causaria uma mudança de paradigma social. Ali mais uma vez incomodava os estabelecidos e teria um preço a pagar por isso e isso ficou evidenciado na sua relação com a guerra do Vietnã.

Ali e a guerra do Vietnã

Ali, não apenas deixou de apoiar, como se mostrou contra um fato histórico marcante da sociedade americana: a guerra do Vietnã. O governo americano declara guerra ao Vietnã com o objetivo de bloquear o avanço do poderio soviético. A tomada da região representava uma estratégia geográfica para bloquear o avanço comunista. (Manso, 2006) O governo recrutou Ali para servir no exército dos Estados Unidos e lutar na guerra do Vietnã. Com essa atitude, o governo tinha o objetivo de usar o poder simbólico do campeão mundial de boxe em defesa de uma idéia que deveria ser aceita pela sociedade.

Porém, em 17 de março de 1966, Ali manda uma carta para o governo americano solicitando sua dispensa do serviço militar alegando motivos religiosos. Além dos motivos religiosos, sua atitude refletia mais uma vez uma motivação racial para a recusa. “Não tenho nenhum motivo para lutar contra os vietcongues. Eles nunca me chamaram de negro.” (Zero Hora, 17 de janeiro de 1992 pág. 51). Em 28 de abril de

1966, Ali é convocado a comparecer ao alistamento do exército dos Estados Unidos. Ali comparece e se recusa alistar-se e com isso, é aberto um processo pela corte americana.

Ali provavelmente não lutaria na guerra do Vietnã, ele seria apenas utilizado pelo governo para divulgação da idéias da guerra, mais uma vez Ali sabia que seria utilizado como foi utilizado Joe Luis na segunda guerra mundial e reforçaria a idéia da guerra caso fosse alistado.

Mas mais uma vez, Ali se negou ao papel de “bom negro”. Mesmo com a opinião pública contra sua atitude, continuava defendendo suas idéias e seus princípios. “Eu vou lutar legalmente. Se perder, vou para a prisão. Não vou trair a religião do Islã.” (Flores,2001). Ali é julgado e condenado e perde seu título mundial. A perda do título mundial representou uma tentativa do governo tirar seu poder simbólico, ele perderia forças e talvez sua opinião perdesse um pouco do valor. O governo não conseguia mais utilizar a imagem do ídolo esportivo pra a defesa de seus interesses e, assim, tenta retirar do ídolo seu poder simbólico. Essa idéia vai ao encontro da afirmação de FEIO (1978). “O apoio da política ao desporto deve constituir unidade com a utilização política do mesmo.”

Além da perda do título, Ali é condenado a cinco anos de prisão e perde a sua licença para lutar, ele recorre à sentença e é absolvido da pena de prisão. Porém, continua sem o seu título e sem licença para lutar. Esse ponto de discussão merece ser analisado, o governo poderia ter prendido Ali, pois seria uma medida legal visto que era um cidadão americano se negando a servir à pátria, o que era ilegal naquele país, porém preferiu tirar seu título e consecutivamente diminuir sua representatividade como ídolo esportivo perante a sociedade.

Em 1970, o apoio a guerra ia perdendo força e estabelecia-se uma pressão social pela volta de Ali aos ringues. Ali volta a lutar e em 1974, no Zaire, recupera seu título mundial contra Jorge Foreman no Zaire na luta que foi considerada a luta do século.(Mailer, 1998) Em 1978, vence Ken Norton e ganha o título de campeão mundial mais uma vez, tornado-se o primeiro tri campeão mundial de boxe peso pesado. Em junho de 1979, Ali se retira dos ringues. Anos depois foi reconhecido como o maior lutador de todos os tempos. Nas olimpíadas de Atlanta em 1996 acendeu a pira olímpica na festa de abertura. (Zero Hora, 1º de agosto de 2000, pág. 54). Em 1991, Ali ajuda no resgate de 15 soldados americanos na guerra do Golfo.

Conclusão

Para realizar uma análise mais profunda sobre o tema será utilizada mais uma vez a perspectiva teórica de Norbert Elias e seu relato sobre a vida de Mozart. Mozart também viveu em uma época em que a sua estrutura social estava subordinada a corte, este grupo representava os estabelecidos de sua época, mesmo sendo um talento para a música, como era o caso de Mozart, ele não conseguiu ter sucesso na sua carreira e foi reconhecido apenas após sua morte como um dos gênios da música.

Assim como Ali, Mozart estava subordinado a uma estrutura social em que um grupo mais coeso ditava as normas a serem seguidas de acordo com os interesses desse grupo dominante. O grupo dominante na época de Mozart pregava que um músico deveria tocar apenas para satisfazer o gosto dos nobres e que deveria tocar apenas músicas tradicionais, o lugar do músico na sociedade era apenas de divertir as pessoas e o músico não tinha espaço na sociedade para desenvolver sua criatividade. Mozart também se negou a esse papel não aceitando as condições impostas por esse grupo. Porém, diferente de Ali, Mozart morreu com dificuldades financeiras e só foi reconhecido como músico de talento após sua morte (Elias, 1995)

Ali vivia em uma sociedade mais complexa. Ele também estava subordinado a um grupo dominante, um grupo que estabelecia que um campeão mundial de pesos pesados deveria ser um exemplo para a sociedade, deveria ser um “bom negro” ou pelo menos se omitir quando contrário fosse a questões sociais importantes, um campeão deveria ser cristão e seu patriotismo deveria ser exemplificado pela sua adesão a guerra do Vietnã. Ali não aderiu a nenhuma dessas formas de pensamento e se posicionou contrariamente a todas essas formas de pensamento. Porém, Ali tinha duas características que se encaixavam muito bem na estrutura social que envolvia o esporte de rendimento: um talento muito acima da média para o esporte e uma alta capacidade de autopromoção.

Diferente da época de Mozart em que o talento de um músico não era valorizado, pois este deveria apenas executar o repertório determinado pela corte, o talento esportivo era muito valorizado na sociedade americana da época de Ali. Esse talento garantia que ele continuasse na mídia em razão de suas vitórias. Portanto o talento para sua atividade tinha um significado diferente nas duas épocas. Na época de Mozart o talento de um músico era secundário e na época de Ali na qual o sucesso no esporte de rendimento estava diretamente relacionado com as vitórias, essa característica dava a Ali um diferencial em relação aos outros lutadores.

Outra característica fundamental para o sucesso da carreira de Ali foi seu poder de autopromoção. Ali tinha um talento fora do ringue para promover suas lutas e gerar notícias nunca antes visto nesse esporte. Ali sabia que isso era uma característica fundamental para seu sucesso e tinha uma relação forte com a imprensa, as poesias que fazia para seus adversários, seus comentários sobre o *round* que o adversário iria ser derrotado e seu jeito extrovertido de lidar com a mídia renderam a esse atleta um índice de popularidade poucas vezes alcançado por um atleta.

Portanto, Ali viveu em uma sociedade em que muitos interesses estavam envolvidos no esporte de rendimento, em especial no boxe, as relações complexas envolvidas nesse esporte deram espaço para que esse lutador, mesmo discordando de questões sociais fortes da sua época tivesse sucesso. Esse sucesso se deveu a uma capacidade que Ali desenvolveu de se utilizar de elementos que eram interessantes para que o grupo social dominante. Ali teve uma habilidade de se utilizar dos elementos sociais da época para divulgar suas idéias e ao mesmo tempo gerar muito lucro para os empresários e para os meios de comunicação. Era muito difícil calar um atleta que continuava ganhando suas lutas e se promovendo da maneira que Ali fazia. Mesmo na tentativa de deixar Ali no esquecimento tirando seu título mundial e mantendo-o afastado dos ringues, a imagem de um campeão mundial criada por ele mesmo devido a esses aspectos foi mais forte e a sociedade exerceu uma pressão para que Ali voltasse aos ringues e conseguisse reconquistar o título mundial por mais duas vezes.

Referências

ELIAS, Norbert. Mozart. Sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1995.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L.. Os estabelecidos e os outsiders, sociologia das relações de poder a partir de uma pequena sociedade. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2000.

FEIO, Noronha. Desporto e política. Lisboa: Ed. Compendium, 1978.

FLORES, José Elias Jr.. A luta além dos ringues, A emocionante trajetória de Muhammad Ali, Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzato, 2001.

MARQUSEE, Mike. Sport and stereotype: from role model to Muhammad Ali: Sage journals online.1995; 36: 1-29.

MANSO, Franciesco A.. Cultura da mídia, a ideologia no filme nascido em 4 de julho. Universidade Metodista de São Paulo: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006.

MAILER, Norman. A Luta. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1998.

REMINICK, David. O rei do mundo, Muhammad Ali e a ascensão de um herói americano. São Paulo: Ed. Companhia das letras, 2000.

WACQUANT, Loic J.D.,. Corpo e Alma: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 2002.

ZERO HORA. Atletas do século: 30/08/1998, pág. 58.

ZERO HORA. Cassius Clay bate forte com os punhos e com as palavras: 01/08/2000, pág. 54.

ZERO HORA. Nos 50 anos de Ali saudades dos bons tempos: 17/01/1992, pág. 51.